

VOL V

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2022

VOL V

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil



Prof.^ª Dr.^ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^ª Dr.^ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal



Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol V / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-70-5

DOI: 10.37572/EdArt_151222705

1. Ciências humanas. 2. Sociologia. 3. Desenvolvimento humano.
4. Professores – Formação. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

*“No nos interesa solamente cómo hacer que alguien aprenda.
Nos interesa también entender cómo tendría
que construirse el conocimiento si el fin es su aprendizaje.”*
Ricardo Arnoldo Cantoral Uriza

Fundó un campo de investigación sobre los procesos de construcción social del conocimiento matemático avanzado, acuñado como Teoría Socioepistemológica de la Matemática Educativa
Distrito Federal, México, 25 de agosto de 1958 - Distrito Federal, México, 30 de diciembre de 2021.

Una vez más tenemos la oportunidad de acompañar a los autores, participantes de esta publicación del Editorial Artemis. Esta vez, en su quinto volumen de la obra titulada **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade.**

En ella se muestra la gran preocupación por la búsqueda de nuevas formas de alcanzar el conocimiento de diversas ciencias y áreas disciplinares, mediante la democratización de saberes, que se pueden obtener en diversos escenarios, respetando aspectos sociales, culturales e históricos. Estos se implementan ante problemáticas de género, ambiente, religión e histórico, proponiendo entre los recursos, la organización de exposiciones en el aula, desde lo tradicional a las de tipo colaborativa, re-pensando la educación infantil a través de prácticas, que desarrollen la imaginación, creatividad, competencias, experiencias emocionales y alentadoras. Tanto los niveles, desde la educación infantil, hasta el ingreso universitario, son de interés en los re-planteos de la nueva educación, como así también, el rigor, tanto en ciencias duras como matemática, pasando a la ingeniería, y contaduría, como la participación de la mujer en diversos tipos de educación, y de la comunidad en general, apuntando a un conocimiento contra-hegemónico, poscolonial, indígena, arqueológico y antropológico social, que llevan a un todo, a lo que podemos llamar la **sociedad del conocimiento**.

Es por ello, que debemos valorar las expectativas de los autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

PRÓLOGO

“Não estamos interessados apenas em como fazer alguém aprender.
Também estamos interessados em entender como
para construir conhecimento se o fim é o seu aprendizado.”
Ricardo Arnoldo Cantoral Uriza

Fundou um campo de pesquisa sobre os processos de construção social do conhecimento matemático avançado,
cunhado como Teoria Socioepistemológica da Matemática Educacional.
Distrito Federal, México, 25 de agosto de 1958 - Distrito Federal, México, 30 de dezembro de 2021.

Mais uma vez temos a oportunidade de acompanhar os autores, participantes desta publicação da Editora Artemis. Desta vez, no quinto volume da obra intitulada **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade.**

Mostra a grande preocupação com a busca de novas formas de alcançar o conhecimento das diversas ciências e áreas disciplinares, por meio da democratização do conhecimento, que pode ser obtido em diversos cenários, respeitando aspectos sociais, culturais e históricos. Estes são implementados diante de problemas de gênero, meio ambiente, religião e história, propondo entre os recursos, a organização de exposições em sala de aula, do tipo tradicional ao colaborativo, repensando a educação infantil por meio de práticas que desenvolvem a imaginação, criatividade, competências, experiências emocionais e encorajadoras. Ambos os níveis, desde a educação infantil, até o ingresso na universidade, interessam no repensar da nova educação, assim como o rigor, tanto em ciências exatas e matemática, passando para engenharia, e contabilidade, quanto a participação de mulheres em vários tipos de educação, e da comunidade em geral, apontando para um conhecimento contra-hegemônico, pós-colonial, indígena, arqueológico e socioantropológico, que conduzem a um todo, ao que podemos chamar de sociedade do conhecimento.

Por isso, devemos valorizar as expectativas de autores e pesquisadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenhar na causa da divulgação dos resultados de seus trabalhos científicos.

Esperando que estas obras sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EXPERIENCIAS LABORALES EN EDUCACIÓN INDÍGENA: EL GRUPO FOCAL COMO ESTRATEGIA PARA LA CONSTRUCCIÓN DEL ESPACIO BIOGRÁFICO

Aidé Teresita Ávila Ayala

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227051

CAPÍTULO 2..... 13

A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS POR INDÍGENAS NA ACADEMIA: TRAVESSIAS DE UM ENCONTRO COM A PÓS-COLONIALIDADE

Priscila da Silva Nascimento

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227052

CAPÍTULO 3..... 18

'UNA CRISIS MUNDIAL DESDE ABAJO'

Tomás Díez Acosta

Håkan Karlsson

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227053

CAPÍTULO 4..... 30

ANÁLISIS SOCIOEPISTEMOLÓGICO DE UN MODELO MATEMÁTICO

Gustavo Adolfo Juarez

Silvia Inés del Valle Navarro

Cecilia Rita Crespo Crespo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227054

CAPÍTULO 5..... 37

IMPLEMENTACIÓN DE UN DISPOSITIVO DIDÁCTICO REI PARA UN AULA DE MATEMÁTICA INCLUSIVA

Carmen Cecilia Espinoza Melo

Maite Otondo Briceño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227055

CAPÍTULO 6..... 48

A IMPORTÂNCIA SOCIAL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA REDUNDÂNCIA NECESSÁRIA?

Sandoval Antunes de Souza
Teresa Margarida Loureiro Cardoso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227056

CAPÍTULO 7 60

MAGIS 21st: SER MÁS, PARA SERVIR MEJOR

Claudia Marcela Sierra Montes
Carlos Andrés Peñas Velandia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227057

CAPÍTULO 8.....71

ENSINO E FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E A CONSTITUIÇÃO DA AUTONOMIA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Edson de Sousa Brito
Nayara Alves Silva Mendes Vilela de Sousa Brito
Lucinéia Silva Sousa Sacramento

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227058

CAPÍTULO 9..... 81

MNEMOSPHERE RESEARCH PROJECT: AN INTERDISCIPLINARY EXPLORATION INTO PLACES, MEMORY, EMOTIONS AND SPATIAL ATMOSPHERE

Clorinda Sissi Galasso
Marta Elisa Cecchi

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227059

CAPÍTULO 10..... 94

PROYECTO DE FORMACION: MÓDULO DE CONVIVENCIA POR COMPETENCIAS, EN EL MARCO DEL MODELO PARA EDUCACIÓN POSTCONFLICTO DEL PAÍS

Jesús María Martínez Zúñiga

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270510

CAPÍTULO 11.....107

PLANEACIÓN PROSPECTIVA, UNA NECESIDAD DEL SUJETO PEDAGÓGICO EN LA SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO

Rocío Rodríguez Rico
Yasunari Cristobal Muñoz
Germán Ortiz Martínez
Karen Rocío Herrera Rodríguez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270511

CAPÍTULO 12 115

“EL OÍDO SE RECREARÁ CON LAS SUAVÍSIMAS MÚSICAS DE AQUELLAS CAPILLAS ANGÉLICAS”: NÚÑEZ DE MIRANDA, SOR JUANA Y EL PENSAMIENTO MUSICAL

Luis Díaz-Santana Garza
Sonia Medrano Ruiz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270512

CAPÍTULO 13.....128

LITERACIA VISUAL EM PORTUGAL: PERCURSO PARA UMA CONSCIÊNCIA ESTÉTICA ECO-NECESSÁRIA E A CRIAÇÃO VISUAL DE TODOS-EM-CIDADANIA

Elisabete da Silva Oliveira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270513

CAPÍTULO 14.....142

SIMULAÇÃO CLÍNICA EM ENFERMAGEM: INOVAR PARA MELHORES CUIDADOS À COMUNIDADE

Gregório Magno de Vasconcelos de Freitas
Norberto Maciel Ribeiro
Liliana Maria Gonçalves Rodrigues de Góis
Fernando Luís de Sousa Correia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270514

CAPÍTULO 15.....154

A MENSAGEM QUE VEM DA FLORESTA: UM BREVE LEVANTAMENTO DOS SABERES DA AYAHUASCA

Miguel Firmeza Bezerra
Juliana Abonizio

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270515

CAPÍTULO 16..... 161

LA REFORMA EDUCATIVA EN LA UNIVERSIDAD VERACRUZANA A TRAVÉS DEL MODELO EDUCATIVO INTEGRAL Y FLEXIBLE

María Eugenia Senties Santos

Haydee Zizumbo Ramírez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270516

CAPÍTULO 17 172

DETECCIÓN DE DEFICIENCIAS ACADÉMICAS DE LOS ASPIRANTES EN 2018 A LAS CARRERAS DE INGENIERÍA DEL TECNOLÓGICO NACIONAL DE MÉXICO CAMPUS CANCÚN

Francisco José Arroyo Rodríguez

Jorge Alberto Cano Tur

Marco Arroyo Terrazas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270517

CAPÍTULO 18..... 184

SCIENCE AND SCIENTISTS: MAIN SOURCES OF INFLUENCE IN THE CONSTRUCTION OF THESE CONCEPTS AMONG UNIVERSITY STUDENTS

Silvia Domínguez Gutiérrez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270518

CAPÍTULO 19..... 197

ENTRE O COTIDIANO DA “CASA” E DA PROFISSÃO DOCENTE: VIVÊNCIAS DE MULHERES PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Neiva Furlin

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270519

CAPÍTULO 20..... 216

CONJUGALIDADE E PERTURBAÇÕES PSICOSSOCIAIS EM PERSONAGENS FEMININAS DE FRANÇOIS MAURIAC E ANNIE ERNAUX

Rosário Neto Mariano

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270520

CAPÍTULO 21228

GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL: OS DESAFIOS DO FEMINISMO NO BRASIL E O PROCESSO DE RESISTÊNCIA NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Marina Milhassi Vedovato

Maria Sylvia de Souza Vitale

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270521

CAPÍTULO 22236

ANTÔNIO CONSELHEIRO E JOÃO ABADE: A TEORIA DO ESTADO E CANUDOS

Rodrigo Guimarães Motta

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270522

CAPÍTULO 23249

IMAGENS DA *VIA CRUCIS*: CENÁRIOS DE RITUALIZAÇÃO, SACRALIZAÇÃO E DEVOÇÃO, NO NORTE E CENTRO DE PORTUGAL

Manuel Joaquim Moreira da Rocha

Sofia Nunes Vechina

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270523

CAPÍTULO 24 275

LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y SU RELACIÓN CON SU COMUNIDAD DE INTERES

Fernando Martínez Vallvey

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270524

CAPÍTULO 25285

PROMOCIÓN Y PUBLICIDAD EN LA OFERTA DE RECREACIÓN Y ENTRETENIMIENTO DE LOS CASINOS ESTABLECIDOS EN MEXICALI, BAJA CALIFORNIA, MÉXICO

Margarita Barajas Tinoco

Aketzalli Aguilar Aguilera

Lucía Estrada Ornelas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270525

CAPÍTULO 26 301

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE: PERSPECTIVAS ÉTICAS ACERCA DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

Rachel Souza Martins

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270526

CAPÍTULO 27 313

ELEMENTOS PARA UM ESTUDO MULTIESPÉCIES EM INTERFACE COM A EDUCAÇÃO NO ANTROPOCENO: PRÁTICA E EXPERIÊNCIA NO MELIPONÁRIO CANTINHO DO CÉU, GUARAMIRANGA - CE

George Arruda de Albuquerque

Alcides Fernando Gussi

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270527

SOBRE OS ORGANIZADORES 333

ÍNDICE REMISSIVO 335

CAPÍTULO 22

ANTÔNIO CONSELHEIRO E JOÃO ABADE: A TEORIA DO ESTADO E CANUDOS¹

Data de submissão: 04/11/2022

Data de aceite: 21/11/2022

Rodrigo Guimarães Motta

Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo

São Paulo – SP

<http://lattes.cnpq.br/5632584195439565>

RESUMO: A partir dos conceitos clássicos das teorias mais notáveis de Estado desenvolvidas por Aristóteles, Thomas Hobbes e Platão, este artigo analisa as características do Estado e da sociedade da cidade de Canudos. Fundada no século XIX e liderada por Antônio Conselheiro e seu comandante militar João Abade, a cidade prosperou e se destacou no Nordeste brasileiro por algum tempo, gerando desconforto tal que culminou com sua destruição pelo exército, porém não sem antes oferecer forte e corajosa resistência. Este estudo qualitativo se fundamentou em revisão bibliográfica e interpretou os eventos ocorridos em Canudos sob uma perspectiva

¹ Esta pesquisa foi publicada em uma revista científica e foi revisada para nova publicação. Referência: MOTTA, Rodrigo Guimarães. Antônio Conselheiro e João Abade: a teoria do Estado e Canudos. **Revista SODEBRAS**, [s. l.], v. 12, n. 133, p. 18-23, jan. 2017.

complementar, avaliando sua evolução a partir das teorias clássica, jusnaturalista e idealista, reconhecendo suas características inovadoras e as limitações que terminaram por tornar a cidade um projeto temido, indesejado e algo a ser eliminado pela recém-fundada república brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria de Estado. Canudos. História. Sociologia.

ANTÔNIO CONSELHEIRO AND JOÃO
ABADE: THE THEORY OF STATE AND
CANUDOS

ABSTRACT: Based on the classical definitions of Aristotle, Thomas Hobbes and Plato on the Theory of State, this study analyzes the characteristics of the government and the society of Canudos, a Brazilian city. Founded in the 19th century and led by Antonio Conselheiro and his commander João Abade, the city developed and prospered in the northeast region of Brazil, until the Brazilian army destroyed it. This qualitative study, based on a literature review of the history of Canudos, approaches the perspective of the classical theory of state, the jusnaturalistic theory of state and the idealist theory of state to recognize the innovation and the limitations of Canudos, which made the city feared, rejected and at the end something to be destroyed by the recently founded Brazilian Republic.

KEYWORDS: Theory of State. Canudos. History. Sociology.

1 INTRODUÇÃO

Muito já foi escrito sobre a Guerra de Canudos. Clássicos como *Os Sertões: campanha de Canudos* (2009), lançado originalmente em 1911 e obra seminal da sociologia no Brasil, *Canudos: diário de uma expedição* (1939), ambos esses de Euclides da Cunha, e *A guerra do fim do mundo* (2008), de Mário Vargas Llosa, são alguns dos muitos textos das mais diversas qualidades sobre esse épico conflito que aconteceu no Brasil e que, de certa forma, moldou o país como hoje ele é conhecido.

Na tentativa de resgatar o que ocorreu, observa-se que, ao final do século XIX, levados pela miséria extrema, fator histórico característico da região – causado em parte por sucessivas secas, em parte pelo descaso do governo –, dois movimentos sociais começaram a ocorrer no Nordeste brasileiro: o Cangaço, com grupos formados por indivíduos que viviam em péssimas condições sociais, o que suscitou lutas contínuas, violentas e cruéis por disputa de terras, entre outras coisas, e o Messianismo, com ascetas pregando a palavra de Jesus Cristo de acordo com sua própria interpretação – porém sempre desejosos de abolir as desigualdades sociais de que eram vítimas – e promovendo obras sociais com o fito de melhorar a situação da população de pauperada. Tal cenário, marcado pela revolta envolvendo questões sociais específicas dessa região, propiciou a eclosão de manifestações que iriam convergir e se potencializar na ocorrência de Canudos e, posteriormente, na tremenda batalha que dizimou a comunidade.

Antônio Conselheiro, personagem de passado desconhecido e que passou a pregar para a população miserável daquela região, foi o mais célebre representante do Messianismo. Incansável, pregava continuamente a palavra de Jesus e viajava pelos estados do Nordeste – na época, do Império; depois, da República – do Brasil. Nessas viagens, além de aumentar sua reputação, a ele se uniam milhares de seguidores que, sem esperança nenhuma na vida que levavam, preferiam abandonar sua desesperançada situação e seguir o profeta, um dos personagens fundamentais da Guerra de Canudos e um dos protagonistas do estudo apresentado neste trabalho.

Pela característica de suas pregações e da população para quem pregava, pessoas das mais diferentes origens e situações sociais se uniam ao séquito do Conselheiro, que crescia sem parar. Em certo momento, passou a ser necessário que um time de homens fortes fizesse a sua segurança e protegesse a todos de ameaças que poderiam vir do governo (incomodado pelo crescimento da comunidade e pelos potenciais tumultos que poderia causar) e de chefes locais (que perdiam os submissos e explorados camponeses que moravam e trabalhavam em suas terras e que largavam tudo para seguir Antônio), além de evitar conflitos dentro do próprio séquito, o que sempre

poderia acontecer. Sendo assim, os cangaceiros arrependidos que passavam a seguir o Conselheiro eram logo escolhidos para essa função em virtude da sua experiência em conflitos e em armamentos.

É aí que aparece João, um dos seguidores arrebanhados por Antônio, o outro personagem, também protagonista deste trabalho, decisivo na história de Canudos. Do seu passado nebuloso, alguns autores mencionam que sua terrível passagem pelo Cangaço lhe deu a alcunha de João Satã, tamanha maldade era capaz de cometer durante sua vida como cangaceiro. Esse “sinistro” personagem, encantado ao ver a figura séria e magra de Antônio, decidiu largar tudo aquilo para ter uma vida reta e justa ao lado do carismático Conselheiro, que, por sua vez impressionado pelas histórias de João e pela intensidade de sua conversão, passou a chamá-lo dali em diante de João Abade. Pela sua coragem, dedicação e capacidade, João Abade, com o tempo, passou a chefiar a guarda de Antônio e, muito depois, da cidade que viriam a construir juntos: Canudos.

Assim, estão brevemente apresentados os dois personagens deste trabalho, Antônio Conselheiro e João Abade; um como legítimo representante do Messianismo e outro, oriundo do Cangaço. Unidos e apoiados por milhares de seguidores, ambos iriam ainda por alguns anos continuar sua vida de peregrinações até o momento que, sob a liderança do profeta e asceta, decidiram construir Canudos, cidade para onde convergiriam todos os seus seguidores atuais e futuros.

E Canudos, sob o comando de ambos, prosperou: do nada, surgiu uma imponente cidade de 25 mil habitantes que, comparada com outras cidades da região, tinha um padrão de vida decente, pois, ali, ninguém morria de fome, todos trabalhavam e as pessoas que chegavam eram sempre acolhidas.

Seguindo regras próprias, por ele estabelecidas, Conselheiro construiu uma cidade-Estado. Entre os tantos regimentos que ele desenvolveu, foi formalizada a existência de seu exército de seguranças, batizado de “Guarda Católica”, sendo João Abade nomeado “Chefe da Guarda Católica” ou “Comandante da Rua”. A paz dentro da localidade foi sempre seguida à risca, mas a Guarda seria utilizada em outro tipo de combate, que a eternizaria nos registros e nas lendas de todo um povo.

Pois assim sucedeu. Incomodados com a quantidade de camponeses que perdiam de seus territórios, os chefetes locais se uniram aos políticos de cidades próximas, que, por sua vez, perdiam no comércio para a próspera Canudos. Por motivo fútil, ambos os grupos se uniram e convenceram o governo, também incomodado, a enviar uma força militar para enquadrar Canudos. Favorecida pelo conhecimento da região, distante de grandes centros urbanos, o que dificultava a logística militar, e pelo conhecimento em combates, obtido em anos contínuos de Cangaço, a valente Guarda Católica venceu sua primeira guerra.

Assim aconteceu por meses a fio. Exércitos do governo cada vez mais fortes, bem armados e bem equipados, chocavam-se contra João Abade e seus soldados e eram seguidamente derrotados. Verdade é que os fatores geográficos e culturais desempenharam seu papel, assim como o despreparo das forças brasileiras, mas isso somente não explica o sucesso da Guarda Católica nessas guerras. Ainda que, ao final derrotadas por números esmagadores, as lideranças de seus dois principais líderes – o Comandante da Rua e o Conselheiro – desempenharam também relevante papel... Mantiveram o povoado unido, motivado e combativo até o inevitável final. Como escreveu Euclides da Cunha (2009, p. 532):

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente da qual rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Muito se pode falar sobre esses dois líderes incríveis que a história brasileira não destacou (afinal, não é a História escrita pelos vencedores?). Para exploração mais acurada do tema, será estudado como o Conselheiro, o Comandante da Rua e os demais líderes do povoado conceberam seu Estado e quais as suas principais características, o que sem dúvida forneceu a fortaleza e a retaguarda necessárias para que eles pudessem enfrentar um país inteiro por tanto tempo e infligir tantas derrotas e humilhações à recém-criada república brasileira, até finalmente serem exterminados por forças incomensuravelmente mais fortes.

Esta pesquisa, portanto, é um estudo exploratório, linha metodológica essa que, segundo Mattar (1996, p. 18),

visa [a] prover o pesquisador de maior conhecimento sobre tema ou problema de pesquisa em perspectiva. Por isso, é apropriada para os primeiros estágios da investigação quando a familiaridade, o conhecimento e a compreensão do fenômeno por parte do pesquisador são, geralmente, poucos ou inexistentes.

Desta forma, serão abordados ainda aspectos do Estado canudista a partir das teorias idealistas de Estado, em especial àquela concebida por Platão, assim como das teorias realistas de Estado, tanto as historicistas quanto as jusnaturalistas.

O texto está organizado em outras três seções, além desta introdução. A seção seguinte traz os procedimentos teórico-metodológicos que levaram à viabilização desta pesquisa. Em seguida, a seção de análise e discussão é voltada à avaliação da sociedade de Canudos à luz da teoria clássica, da teoria jusnaturalista e da teoria idealista de Estado. Por fim, a última seção traz as conclusões, antecedendo as referências utilizadas.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este artigo busca demonstrar, a partir das teorias clássicas do Estado, como uma pequena cidade-Estado² conseguiu obter sua autonomia e foi relativamente bem-sucedida sob as perspectivas econômica, militar e política durante o tempo que existiu.

Por tratar-se de um tema muito amplo, com diversas correntes e distintos pensadores que desenvolveram e demonstraram suas ideias, escolheu-se abordar a questão a partir de teorias realistas de Estado, a saber, o modelo clássico concebido por Aristóteles e o modelo jusnaturalista de Hobbes, assim como a teoria idealista do Estado desenvolvida por Platão. Esses modelos serão explorados a seguir e sustentados com exemplos (alguns, sem a menor pretensão de abordar toda a rica e extensa vivência de Canudos) do que ocorreu na cidade liderada pelos dois heróis anteriormente apresentados, o visionário Antônio e o aguerrido João Abade.

Em vista deste estudo ser uma pesquisa exploratória baseada em revisão bibliográfica, para contextualizar e apresentar a história de Canudos, o artigo utilizou a bibliografia disponível sobre a história do lendário conflito que, além de ser restrita, é concebida majoritariamente pela visão dos vencedores, já que ninguém – ou quase ninguém – que lutou no exército do Comandante da Rua sobreviveu à guerra. O principal livro estudado foi o clássico *Os Sertões: campanha de Canudos*, de Euclides da Cunha (2009), complementado por algumas outras obras que tratam do desenvolvimento das condições para a existência de Canudos e também das características do conflito.

Além disso, para analisar essa história a partir das teorias de Estado mencionadas, foram pesquisados os conceitos e textos de Platão (teoria idealista de Estado), Aristóteles (teoria clássica de Estado) e Hobbes (teoria jusnaturalista de Estado). Esses autores, juntamente a suas obras, foram selecionados sem a pretensão de esgotar o tema, mas por serem reconhecidos pela academia como referências relevantes para o estudo do desenvolvimento do Estado. Tal como Dmitruk (2004, p. 68) explica, essa modalidade de pesquisa permite “a revisão, interpretação e crítica do conhecimento científico acumulado e também a geração de novas proposições de explicação e compreensão”. Dessa forma, a história, tal como descrita pelos livros que retratam a epopeia de Canudos, é assim revisada e analisada a partir das teorias de Estado propostas pelos autores selecionados.

² Cidade-Estado, sim, já que seguia regras próprias de conduta e, ainda que não pretendesse se separar ou desafiar o poder constituído do Brasil, tinha sua estrutura de poder de forma independente, algumas vezes colaborativa e outras vezes conflituosa com o poder constituído na região pelos governos municipais, estaduais e nacional.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1 TEORIA CLÁSSICA DE ESTADO E CANUDOS

A teoria clássica de Estado, desenvolvida por Aristóteles, busca esclarecer as questões relativas ao nascimento do Estado. Segundo o pensador, tal como descrito no livro de Barnes (2005), o homem é um animal político, e viver em sociedade é seu destino natural. Dessa forma, ele não conseguirá se realizar ou ser feliz caso não viva em sociedade.

Em Canudos isso pode ser percebido desde antes de sua concepção, quando os sertanejos miseráveis de todo o Nordeste trocavam uma vida sem esperança e miserável pelas promessas e pelos sonhos de Conselheiro e o seguiam realizando boas obras, como a construção e a reforma de igrejas e cemitérios, até finalmente se assentarem naquele pedaço de terra que veio a ser chamado de Canudos. Tanto apelo e sentimento de filiação foi gerado por Antônio, que arrebanhou pessoas que de outra forma não seria possível imaginar realizando ações nobres, como o seu Comandante da Rua, João Abade, ilustre cangaceiro. O apelo permaneceu até o final, pois, mesmo sendo atacada e destruída pelo exército brasileiro, Canudos recebeu milhares de pessoas até muito perto do momento em que foi completamente arrasada.

Avançando na teoria aristotélica, ela afirma que a primeira comunidade natural é a família, já que homem e mulher se unem e procriam, gerando descendentes (BARNES, 2005). Esse reconhecimento está presente na aguerrida Canudos, que, apesar de ter sido fundada nos confins de um sertão distante, que desconhecia leis e que era sujeito a bandoleiros temíveis, sempre atraiu famílias para lá viverem.

Essas famílias sempre foram acolhidas e receberam um tratamento digno que não tinham em seus lares de origem, já que a visão conservadora de Antônio sempre reconheceu a importância do núcleo familiar para a evolução de Canudos. Ao contrário das cidades sem lei que a história apresenta, em regiões de fronteira ou por demais miseráveis, como aquelas retratadas durante a expansão para o oeste dos Estados Unidos, Canudos era um ninho para a família nordestina – e a lei e a ordem eram garantidas dentro da cidade por João e sua Guarda Católica.

As famílias, segundo a teoria clássica, unem-se em aldeias que, por sua vez, unem-se a outras aldeias (no caso de Canudos, pelo fluxo migratório de pessoas que para lá acorreram de todo o Nordeste brasileiro), formando cidades. Segundo a referida teoria, o que caracteriza a cidade é que a vida seja boa e autossuficiente (BARNES, 2005).

Quanto a Canudos, em contraste com os grandes centros urbanos, ela era dirigida por um líder messiânico, Antônio, enquanto a moral e os bons costumes dentro da cidade eram assegurados pelo Chefe da Guarda Católica, o cangaceiro arrependido

João Abade. Isso, por si só, já se constitui como relevante diferencial em oposição à vida do sertanejo convencional, que vivia sob constante medo e ameaça de tudo perder, de ter seus bens expropriados pelo chefe local, o conhecido coronel, ou pelos bandos de cangaceiros sanguinários que aterrorizavam o Nordeste de então.

E a vida não era só boa por isso... Produzindo localmente o que a terra era capaz de oferecer, Canudos era regida por um protoc comunismo, ainda que sem nenhum embasamento teórico, em que era assegurado a todos o mínimo essencial para viver, uma casa para morar (que era construída pela família que se juntava em Canudos, com o apoio dos já residentes) e alimentos para consumir (produzidos por todos e repartidos de acordo com a necessidade). Moradores doentes eram amparados por curandeiros locais e pela reza do Conselheiro e dos beatos e beatas que o acompanhavam, que, no caso de não poder dar amparo físico, fortaleciam a moral do morador e do povoado.

As poucas trocas e o comércio existentes eram realizados por alguns moradores com experiência nisso, como os famosos irmãos Vilanova. O crescimento do comércio local e as esporádicas negociações com cidades vizinhas foi uma das causas da queda de Canudos, pois, como a valente cidade-Estado não pagava impostos, gerava cobiça e ressentimento do governo constituído, assim como a relativa riqueza da cidade era invejada pelos coronéis da região e pelas cidades oficialmente constituídas, que sentiam estar perdendo prestígio, poder e sobretudo riqueza para Canudos. Foi uma divergência comercial entre Canudos e uma cidade vizinha que fez com que a primeira força militar avançasse contra a cidade. E, ainda que tenha culminado em derrota, esse movimento deu início à guerra que terminou por destruir Canudos.

A teoria clássica concebida por Aristóteles termina na cidade-Estado, já que grandes nações não existiam na Grécia clássica em que o filósofo viveu e o poder máximo era exercido e realizado nessas cidades (BARNES, 2005). Essa característica de sua teoria serve com excelência para abordar a história canudista, que evoluiu até uma pequena cidade-Estado no sertão nordestino, que chegou a ter 25 mil habitantes. E, como por aí ficou, seu ciclo pode ser interpretado pelo ponto de vista aristotélico.

3.2 TEORIA JUSNATURALISTA DE ESTADO E CANUDOS

O jusnaturalismo interpreta a teoria política a partir do “estado da natureza”. Para os jusnaturalistas, estado da natureza pode ser definido como os homens viviam antes da vida em sociedade – nessa condição, o ser humano é livre e dispõe de uma igualdade em relação ao outro. A desigualdade que hoje existe tem origem na constituição do Estado e da lei civil.

Não é possível dizer que os miseráveis do Nordeste viviam em um estado da natureza por definição, porém grande parte do sofrimento pelo qual passavam era fruto das desigualdades econômicas e sociais. Esmagados por uma carga de trabalho desumana e uma remuneração miserável, pouco ou nada tinham para sustentar sua família, enquanto essa condição era reforçada, já que os grandes proprietários eram apoiados e tinham sua legitimidade afirmada pelo governo constituído.

Os representantes do movimento messiânico, como o Conselheiro, eram muito malvistas pelas elites, pois, de certa forma, contrapunham-se à lei civil que sustentava o estado miserável da população, uma vez que os seguidores do Conselheiro abandonavam suas vidas pregressas, enfraquecendo a mão de obra das fazendas e dos povoados da região, além de que notoriamente Canudos não pagava impostos. Como escreveu Nina Rodrigues (1939 *apud* MACEDO; MAESTRI, 2004, p. 40):

As elites não admitem que a miséria popular se transforme em virtude religiosa. Quando tal fato ocorre, a pobreza, anteriormente signo de inferioridade social, tende a ser tomada como condição de piedade, necessária para a salvação e como tal, torna-se elemento aglutinador das classes subalternas. Quando para os oprimidos e miseráveis a pobreza apresenta-se como qualidade moral, a riqueza e o luxo das elites transformam-se inversamente em símbolo de decadência e corrupção morais. Ou seja, a pregação espiritual ascética funciona também como denúncia das condições de vida das classes opulentas.

Segundo o principal pensador jusnaturalista, Hobbes, que escreveu clássicos como *Do cidadão* (2002) e *Leviatã* (2003), no estado da natureza não há segurança necessária para a pessoa viver a sua vida, visto que os objetos de desejo, escassos no caso do Nordeste brasileiro, são desejados por todos. Mesmo não podendo afirmar que o sertão brasileiro vivia em um estado da natureza tal como definido por Hobbes, a semelhança aqui se faz visto que, além das arbitrariedades cometidas pelas autoridades, o sertão era infestado pelos temíveis cangaceiros, que, na sua sanha de vingança contra os seus espoliadores, impunham a sua lei ao sertão, assaltando fazendas, pessoas e até mesmo cidades inteiras.

Era (quase) uma guerra de todos os homens contra todos os homens, tal como o estado da natureza hobbesiano. Nessas condições, o que prevalece é o que os jusnaturalistas chamam de direito natural, que é o direito que cada ser humano tem de usar dos meios que achar conveniente para proteger a própria vida. E famosos eram os pobres nordestinos moradores do sertão por alguma arma sempre portar, fosse arma de fogo, fosse facão.

Hobbes (2002, 2003) assevera que o homem supera isso através de algumas de suas paixões, como o medo da morte, a esperança em uma vida confortável e a sua própria razão. E não foi o que Canudos ofereceu? Com a Guarda Católica (ou Companhia

de Bom Jesus), João Abade e seus cangaceiros convertidos protegiam os moradores da cidade-Estado de problemas internos e de ameaças externas.

Além disso, usando como modelo a repartição da produção da roça, o incipiente comércio de Canudos fornecia comida e moradia para todos, o que era sem dúvida uma vida muito mais confortável e digna do que os sertanejos de Canudos jamais haviam experimentado, enquanto a razão era amplamente atendida pela pregação religiosa de Antônio. Acontece que, por tratar-se de uma população profundamente religiosa, sua interpretação da vida e dos problemas que enfrentavam era formatada de acordo com os dogmas católicos, logo a pregação conselheirista não só era compreendida, como também fazia sentido para esse povo que vivia no fim do mundo.

Hobbes (2002, 2003) explica, então, que os homens no estado da natureza (ou no estado de “quase” natureza, como era o caso do sertão nordestino) transferem o direito que eles possuíam de preservar a própria vida para o Estado através do que o jusnaturalismo chama de pacto social.

Já que o pacto social original com o governo brasileiro fracassou, o povo do sertão estabeleceu um novo pacto social com as lideranças de Canudos. E, durante o curto período que esse pacto esteve vigente, Antônio e João não pouparam esforços para que ele funcionasse. Mais do que cidadãos brasileiros, os moradores de Canudos eram cidadãos de Canudos – segundo a definição hobbesiana, cidadãos se submetem à ordem vigente imposta pelo Estado (HOBBS, 2002, 2003), o que reforça um dos pilares desta pesquisa, que é considerar Canudos uma cidade-Estado em pleno século XIX.

3.3 TEORIA IDEALISTA DE ESTADO E CANUDOS

Um dos principais pensadores a respeito da teoria idealista de Estado foi Platão, que a explorou em um de seus mais importantes trabalhos, *A república de Platão* (1997), no qual o filósofo apresenta as características da república. A teoria idealista de Estado descreve o modelo ideal de Estado, isto é, como ele deveria ser, quando não sujeito à transitoriedade, ao desgaste e à corrupção. Esse modelo cabe muito bem ao povo de Canudos, cidade concebida por um idealista e que, tendo vida efêmera, não foi corroida nem adulterada pelo tempo e pela forma de vida dos Estados.

Em seus estudos, Platão estabelece que é possível delimitar formas possíveis de governo nos Estados e para cada forma existe um contraponto, por ele chamado de forma degradada. No seu raciocínio, uma das formas é a monarquia e a outra, a aristocracia, que têm como forma degradada a tirania, e, por último, há a democracia, cuja forma degradada é a anarquia (PLATÃO, 1997).

A teoria platônica sofre variações na história de Canudos, porém é possível reconhecer na visão de Antônio Conselheiro tanto a forma que ele imaginava ideal quanto a sua forma degradada. Como o Brasil passava por uma transição do regime monárquico para o republicano naquela época, Conselheiro elegeu como forma ideal de governo a monarquia. Contribuiu para isso sua visão com conotação profundamente religiosa, em que o imperador era alguém eleito por Deus para governar o povo. Como Macedo e Maestri escreveram (2004, p. 88):

De modo similar, o Conselheiro defendia o direito divino dos reis e considerava falsos os princípios em que a república se baseava, por considerá-los ancorados apenas em ideias profanas, ou seja, não religiosas. Católico convicto, Antônio via na república uma ameaça à religião, em virtude da separação entre a igreja e o estado. Em seu modo de ver, a separação afetava os fundamentos da instituição do casamento. Parecia-lhe inadmissível que o matrimônio, um dos principais sacramentos da igreja, pudesse ter validade quando realizado fora do âmbito religioso e ser inválido quando não registrado civilmente, ainda que abençoado pela religião.

Conselheiro e sua gente não reconhecia a autoridade republicana, ainda mais desprestigiada pelo aumento da cobrança que realizou ao favorecer as classes mais abastadas, com impostos que incidiram majoritariamente nos miseráveis sertanejos, além de a república não oferecer concretamente nenhuma garantia política aos direitos desses cidadãos, já que o direito a voto na época era exclusivo da elite.

Apesar de não ter nenhum vínculo estabelecido com a monarquia e com monarquistas de outras regiões, fato extensamente propagado pela imprensa da época, Antônio via a forma ideal da monarquia sendo expulsa da vida brasileira e substituída pela forma degradada da república.

Pois Conselheiro era sobretudo um homem de ação: sua resposta estava na própria constituição de Canudos. Sem pretensões nacionais, seus seguidores tinham a permissão e o incentivo para viver de acordo com as tradições ancestrais defendidas pelo seu líder.

Diante disso, retomando a teoria de Platão (1997), ela explica que a forma ideal de Estado é aquela pautada pela justiça, definida pelo pensador como a somatória de todas as virtudes – e tal justiça não se faz pelo medo. Antônio, como já descrito anteriormente, constituiu sobretudo um Estado justo para as condições socioeconômicas da época, um local onde todos tinham direito a casa e alimentação, onde podiam festejar de forma apropriada suas datas especiais, não pagavam impostos acachapantes a uma república por eles desconhecida e temida, além de serem unidos por um profundo fervor religioso.

Como registraram Macedo e Maestri (2004), Belo Monte, tal como os moradores de Canudos a chamavam, era uma comunidade formada por pobres e excluídos. Esse

grupo essencialmente se apoiava em sua religião e, de forma a tentar construir um lugar onde todos vivessem de seu trabalho e fossem solidários entre si, coletivamente recusava a sociedade de classes de então.

Platão (1997), em sua teoria de Estado, também divide o governo ideal em três partes. A parte racional está associada com os governantes. Esses governantes, que também podem ser chamados de filósofos, têm como principal objetivo e prazer a busca do conhecimento e da verdade. Nessa classe em Canudos, sem dúvida, estavam o próprio Antônio, líder incontestado do povoado, e os beatos que com ele trabalhavam fundamentalmente com a pregação e o conforto do povo – não por acaso, ao se pesquisar a história do Conselheiro, ele tinha uma formação muito superior à do sertanejo médio.

Logo, a parte irascível do Estado é composta, segundo Platão, pelos guerreiros, que obtêm o principal prazer com as glórias conquistadas... E Canudos tinha seus guerreiros! Com João Abade à frente, a resistente e determinada Guarda Católica, composta por cangaceiros convertidos, punha ordem no povoado e conduzia com perícia e determinação a guerra que se prolongou por tanto tempo contra as forças de todo o país.

Por último, Platão (1997) associa a classe dos agricultores, comerciantes e artesãos com a parte apetitiva do Estado, que busca, sobretudo, os bens materiais. Ainda que com pretensões modestas (nada mais do que uma vida digna), essa classe era composta pela maioria dos habitantes de Canudos, tendo alguns expoentes que foram os comerciantes mais bem-sucedidos, como os irmãos Vilanova e a família Macambira.

Assim, acima de todos, atendendo ao que Platão dizia ser imprescindível, que era o cuidado com a coisa pública, sem jamais deixar os interesses próprios prevalecerem, estava ele: a lenda – Antônio Conselheiro, guardião da legítima *res publica* (coisa pública) de Canudos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tamanha divergência de visões de mundo e conflitos de interesses não podiam sobreviver por tempo indefinido em um mesmo local... E assim a tragédia se abateu sobre o sertão brasileiro. A primeira expedição contra Canudos, composta por cerca de cem homens liderados por um tenente e motivada pela defesa de interesses dos coronéis e chefetes regionais, subestimou o poder bélico de Canudos e foi derrotada. A ela se sucedeu uma nova expedição, desta vez comandada por um major e composta por mais de 500 homens, que também não foi páreo para a coragem e a astúcia da Guarda Católica.

Duas derrotas consecutivas e tão humilhantes motivaram uma grande expedição, composta por mais de mil homens, fortemente armada e liderada por um coronel, Moreira

César, com fama de ser o mais temível militar do Brasil e conhecido como o “corta-cabeças”. Derrotados novamente pela brava resistência de Canudos, abandonaram suas armas, restando centenas de mortos, entre os quais o próprio corta-cabeças... E então o inferno se abateu sobre Canudos.

A quarta e derradeira expedição, conduzida por generais e com milhares de soldados, passou por infinitas dificuldades, mas a absoluta e esmagadora superioridade de homens e armamentos destruiu Canudos por fim, não sem antes de seu último defensor, portando o barrete da Guarda Católica e um machado, ter avançado sozinho contra todo o exército brasileiro.

A História tachou a história de Canudos como uma aberração e os seus defensores como seres bizarros de um mundo que não existia mais e que jamais deveria ter existido. Essa percepção teve início com o primeiro grande clássico sobre a tragédia, escrito por Euclides da Cunha (2009) – *Os Sertões*. E a memória brasileira, direcionada pela elite dirigente e tão carente e sem tradição de heróis, esqueceu que um dia valorosos guerreiros, comandados por João Abade e inspirados na carismática figura de Antônio, lutaram pela realização de um sonho de um sertão mais justo e digno para se viver.

O que este artigo se propôs a apresentar, por fim, não foi uma defesa inconsequente dos canudistas, mas, sim, o reconhecimento da multiplicidade e da riqueza cultural, política, social, econômica e – por que não? – militar de Canudos. Analisando e comparando o Estado de efêmera vida liderado pelo Conselheiro com as teorias de Estado clássica, jusnaturalista e idealista, pode-se perceber que o sucesso e a resistência de Canudos não foram obra do acaso ou da incompetência do exército brasileiro.

Sem pretensões ou maiores referenciais teóricos, os líderes de Canudos conceberam uma cidade-Estado com premissas, vida cotidiana e fundamentos muito diferentes do Estado brasileiro ao qual ela pertencia e, sob muitos aspectos, uma alternativa com melhores condições materiais e espirituais para os seus moradores quando comparadas à realidade por eles enfrentadas no inóspito sertão brasileiro.

Tal fortaleza permitiu que o arraial fosse fundado e prosperasse até o ponto que, quando confrontado com o seu destino, pôde oferecer um nível de resistência que marcou não apenas a história de Canudos, mas a de todo o Brasil. E de Canudos, para aqueles interessados na História do Brasil, restou um documento encontrado por Euclides da Cunha em forma de um poema escrito por algum morador e recuperado por Macedo e Maestri (2004, p. 82-83), com o qual encerramos este texto:

Lá vão meus tristes ais
Nestas tuas mãos parar
Saudade e minhas lembranças

Vossa mercê quera escutar
Já se acabosse meus gostos
Findosse minha alegria
Já se quebrosse o espelho
Em que meus olhos ti viam
Quando eu de ti mi apartei
Nunca mais tive alegria
Somente porque não acho
Uma feliz companhia
[...]
O papel em que te escrevo
Saiu da palma da mão
A tinta saiu dos olhos
A pena – do coração.

REFERÊNCIAS

- BARNES, Jonathan. **Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2005.
- CUNHA, Euclides da. **Canudos**: diário de uma expedição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- DMITRUK, Hilda Beatriz. **Cadernos Metodológicos**. Chapecó: Argos, 2004.
- HOBBS, Thomas. **Do cidadão**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MACEDO, José; MAESTRI, Mário. **Belo Monte**: uma História da Guerra de Canudos. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- MATTAR, Fauze N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1996.
- PLATÃO. **A república de Platão**. São Paulo: Abril, 1997.
- RODRIGUES, Nina. A loucura epidêmica de Canudos. In: RODRIGUES, Nina. **As coletividades anormais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. p. 41-56.
- VARGAS LLOSA, Mário. **A guerra do fim do mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Organizadora de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III, VI) (2021). Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial

Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Organizador de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III, IV) (2021). Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelhas Nativas Sem Ferrão 313, 323
Aesthetics 82, 88, 92
Antropoceno 313, 314, 315, 316, 317, 318, 327, 329, 331, 332
Arqueología y antropología social 18
Arte mexicano 115
Aspirantes 170, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182
Atlas 82, 84, 89, 92, 93, 248
Atmosphere 81, 82, 84, 88, 90, 91
Aula Inclusiva 37
Autodidactismo 107
Auto-eco-compatibilização 128, 130, 139, 141
Autonomia da criança 71, 76, 78
Ayahuasca 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160

C

Canudos 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248
Casinos 285, 286, 287, 288, 291, 292, 293, 295, 296, 297, 298, 299, 300
CENEVAL 172, 175, 176, 177, 181, 182
Cidadania 53, 128, 146
Ciência 13, 14, 16, 17, 33, 50, 76, 77, 94, 117, 120, 124, 125, 127, 134, 138, 140, 156, 157, 158, 159, 184, 185, 220, 321, 331
Co-enseñanza 37, 41, 45, 46
Competencias 52, 55, 58, 59, 60, 64, 65, 67, 69, 70, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 106, 113, 114, 134, 140, 148, 150, 153, 162, 164, 173, 175, 176
Comunidad 8, 10, 33, 34, 35, 41, 67, 69, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 107, 121, 165, 167, 170, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284
Condiciones laborales 1, 2, 5
Conjugalidade 216, 219
Constituição Brasileira 48, 309
Construtivismo crítico 142, 143, 144, 148, 150, 152
Convivencia 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 161, 276, 278, 313, 314, 323

D

Deficiências acadêmicas 172, 176, 182
Democratização da Educação 48
Design 60, 70, 81, 82, 83, 85, 92, 94, 128, 129, 130, 131, 134, 136, 138, 151, 187
Desigualdades de gênero 197, 213
Devoção 249, 251, 253, 254, 255, 256, 260, 262, 264, 270
Diário 42, 126, 140, 237, 248, 275, 276, 279, 282, 283, 284, 287, 300
Divisão sexual do trabalho 197, 200, 201, 203, 205, 212, 213, 215
Docência superior 197, 198, 202
Docente de educación indígena 1

E

Educação 13, 17, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 128, 129, 131, 132, 133, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 197, 198, 210, 215, 228, 235, 303, 313, 314, 316, 317, 318, 319, 324, 325, 326, 328, 329, 330
Educação a Distância 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59
Educação estética visual para todos 128
Educação para a saúde 142, 146, 147, 148, 150
Emotions 81, 82, 84, 86, 88, 92
Ensino na educação infantil 71
Espacio biográfico 1, 11
Estudios culturales 115
Estudios Novohispanos 115
Estudos multiespécies 313, 316, 317, 319, 324, 328, 329, 330
Ética ambiental 301, 310
Exhibition spaces 81, 82, 92
Experiência 4, 7, 8, 10, 30, 36, 45, 46, 52, 58, 64, 72, 74, 75, 79, 94, 106, 112, 142, 143, 149, 151, 200, 203, 204, 206, 207, 209, 213, 214, 229, 238, 242, 287, 313, 316, 317, 318, 325, 326, 330
Exploratório de educação artística 128, 132

F

Feminismo 116, 124, 200, 215, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235
Feminismo negro 228, 231, 233
Flexible 45, 161, 162, 165, 166, 167, 170

Formação pedagógica 71

Formación 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 41, 46, 47, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 125, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 185, 280

Formación docente inicial 31

Formal media 184

G

Gênero 11, 15, 16, 64, 123, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 223, 224, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 285, 295

Grupo focal 1, 2, 3, 4, 6

H

Historia 5, 6, 8, 18, 20, 21, 22, 25, 61, 115, 122, 123, 125, 126, 161, 279, 284

História 5, 52, 58, 74, 75, 134, 136, 140, 141, 197, 198, 200, 204, 215, 217, 218, 219, 223, 226, 227, 228, 229, 232, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 247, 248, 273, 274, 315, 318, 325, 330

Historia de la música 115

I

Imagem 136, 138, 139, 220, 224, 249, 257, 262, 263, 264, 265, 266, 268

Imaginário criativo 128

Indígena 1, 3, 4, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 154, 231

Ingeniería 24, 32, 47, 105, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

Innovación 60, 61, 62, 63, 65, 69, 70, 107, 126, 162, 165

Inovação pedagógica 142, 143, 144, 145, 146, 151

Integral 29, 51, 52, 94, 95, 97, 104, 128, 129, 141, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 186, 208, 209, 210, 230, 239, 300

J

Justiça ambiental 301

L

Liturgia 249

M

Matemática educativa 31, 33, 36

Memory of places 81, 82, 84, 90
Modelización matemática 30, 31, 33, 35, 36
Modelo educativo 161, 165, 166, 167, 169, 170, 171

N

Noticias 275, 279, 281, 282, 283

P

Papéis de género 208, 209, 216, 223
Património cultural artístico 128, 134, 136
Paz 26, 27, 80, 94, 96, 97, 106, 115, 116, 122, 123, 124, 125, 127, 238
Personagens femininas 216
Perturbações psicossociais 216
Planeación prospectiva 107, 112, 114
Plantas professoras 154
Pós-colonialidade 13
Post-Conflicto 94
Promoção da saúde 142, 146, 147, 148, 151, 152
Promoción y publicidad 285, 286, 287, 288, 292
Prospectiva 60, 61, 62, 107, 112, 114

R

Raça 218, 221, 228, 232, 235, 310, 311
Recorrido de Estudio e Investigación 37, 38, 47
Reforma 9, 161, 164, 241, 285, 286, 298, 304
Reimaginación 60
Revista 12, 17, 36, 46, 47, 58, 59, 114, 127, 151, 152, 159, 197, 200, 215, 235, 236, 274, 275, 282, 291, 299, 300, 330, 331, 332

S

Saberes outros 154, 159
Science/scientist 184
Simulação em enfermagem 142
Social representations 184, 185, 186, 191, 192, 193, 195, 196
Sociedad 9, 22, 33, 36, 39, 47, 94, 96, 97, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 124, 125, 127, 161, 162, 172, 275, 276, 277, 279, 281, 282, 285, 288, 298, 299

Sociedad del conocimiento 107, 114
Socioepistemología 30, 31, 32, 33, 34, 35
Sociologia 12, 17, 33, 197, 215, 223, 236, 237, 248, 275, 284, 299
Sor Juana Inés de la Cruz 115, 121, 125, 126, 127
Sustentabilidade 59, 301, 303, 305, 307, 310, 311, 312

T

TecNM 172
Tecnologia 40, 48, 52, 53, 56, 62, 64, 65, 66, 94, 103, 109, 215, 292, 306, 309, 331
Teoría Antropológica de lo Didáctico 37, 38, 40, 46, 47
Teoria de Estado 236, 246
Transformação Social 48
Transformación 5, 60, 61, 62, 64, 99, 110, 161, 163, 165, 169

U

University students 184, 195, 196

V

Via Crucis 249, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 264, 269, 270, 273
Violência 95, 97, 98, 157, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 285
Virreinato 115